

Estilo Tecnológico e as Indústrias Líticas do Alto Vale do Rio dos Sinos: Variabilidade Artefactual entre Sistemas de Assentamentos Pré-coloniais no Sul do Brasil

Adriana Schmidt Dias¹

RESUMO: O estilo tecnológico é o resultado de escolhas culturalmente determinadas que se refletem na seleção das matérias primas, nas técnicas e seqüências de produção e nos resultados materiais destas escolhas. A comparação de estilos tecnológicos de diferentes indústrias líticas de uma mesma região permite, portanto, antever a possibilidade de distinção entre identidades sociais ou culturais no registro arqueológico. Buscando testar a validade desta premissa teórica para o estudo da variabilidade artefactual das indústrias líticas do sul do Brasil, analisamos de forma comparativa os conjuntos líticos da região do alto vale do rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, relacionados a três distintos sistemas de assentamento, associados aos caçadores coletores da Tradição Umbu e aos horticultores das Tradições Taquara e Guarani.

PALAVRAS-CHAVE: *Caçadores coletores do sul do Brasil, indústrias líticas, estilo tecnológico, sistema de assentamento*

ABSTRACT: Technological style results from cultural choices reflected in raw materials selection, technical sequences and in the material results of these choices. Therefore, a comparison between technological style of distinct lithic industries of a given area allows to foresee the possibility of distinguishg social and cultural identities in the archaeological record. In search of testing the value of this theoretical assumption for the study of artifact variability in lithic industries in Southern Brazil, we have comparatively analyzed lithic assemblages from the upper dos Sinos river, in Rio Grande do Sul State, related to hunter-gatherer groups from Umbu Tradition and two distinct horticulturalist groups from Taquara and Guarani Traditions.

KEY-WORDS: *Southern Brazil hunter-gatherers, lithic industries, technological style, settlement system.*

¹ Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil. Campus do Vale - Avenida Bento Gonçalves, 9500. Porto Alegre, Rio Grande do Sul (Brasil). E-mail: dias.a@uol.com.br.

Introdução

As Tradições Líticas Umbu e Humaitá foram definidas nas décadas de 1960 e 1970 a partir das atividades no sul do Brasil do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), sendo os sítios líticos identificados distribuídos em 42 fases arqueológicas. A definição destas fases foi pautada pelas distinções morfológicas dos tipos de artefatos e pela distribuição geográfica e cronológica dos sítios líticos que, em muitos casos, ocupavam a mesma região contemporaneamente. Enquanto as pontas de projétil representavam o *fóssil guia* da Tradição Umbu, a Tradição Humaitá foi definida em função da presença de peças bifaciais de grande porte e morfologia variada, destacando-se as de forma bumerangóide, além de *choppers*, *chopping tools*, raspadores plano-convexos e lascas retocadas. Com o desenvolvimento dos estudos arqueológicos ao longo das décadas de 1980 e 1990, vários pesquisadores dedicaram-se ao estudo tecno-tipológico de coleções de ambas as Tradições a fim de avaliar as permanências e descontinuidades sofridas por estas indústrias líticas ao longo do tempo, embora tenham sido raras as propostas interpretativas quanto à variabilidade observada (DIAS, 1999a). Refletindo sobre os resultados destas pesquisas, Dias e Silva (2001), destacam que, se por um lado as indústrias líticas da Tradição Umbu apresentam uma extrema homogeneidade, a diversidade dos conjuntos relacionados à Tradição Humaitá pode ser melhor entendida se observada em relação aos contextos regionais de distribuição dos sítios. Estes, em geral, estão associados a áreas tradicionalmente ocupadas por horticultores, relacionados à Tradição Taquara e a Tradição Guarani, podendo estes sítios líticos fazer parte dos sistemas de assentamento destes grupos ceramistas.

Tal hipótese torna-se consistente se considerarmos que a definição destas Tradições Pré-cerâmicas está associada a duas pré-concepções derivadas do enfoque histórico-cultural: a) que todos os conjuntos líticos de um mesmo grupo devem ser homogêneos, e

que, portanto, distinções entre conjuntos líticos pressupõem grupos culturalmente distintos; e b) que todo sítio lítico é necessariamente relacionado a um grupo caçador coletor. A ausência de estudos regionais, escavações contextualizadas e de estudos tecno-tipológicos centrados na interpretação da variabilidade lítica, contribuíram, ao longo dos anos, para firmar estas pré-concepções e transformar a Tradição Humaitá em um depositário de conjuntos líticos, muitas vezes dispares entre si, que não se encaixavam em conjuntos formais tecnologicamente mais claros, como os da Tradição Umbu. Embora o conceito de Tradição arqueológica corresponda a um expediente de classificação que diagnostica variabilidade entre conjuntos artefatuais, não explica como dois grupos caçadores coletores possam ter compartilhado o mesmo espaço por milhares de anos, inviabilizando qualquer tipo de estratégia interpretativa sobre territorialidade e mobilidade para estas populações.

Partindo destas considerações iniciais, torna-se claro que um primeiro passo necessário para o avanço do conhecimento sobre os modos de vida das sociedades caçadoras coletoras do sul do Brasil está relacionado à revisão crítica dos modelos vigentes até o presente e da validade dos conceitos utilizados em sua construção. Neste sentido, o uso de um referencial analítico orientado pela noção de estilo tecnológico pode nos oferecer bases teóricas mais seguras para discutir as possíveis distinções observadas entre estas indústrias relacionadas às Tradições líticas do sul do Brasil.

O Conceito de Estilo Tecnológico como Instrumento para a Interpretação da Variabilidade de Conjuntos Líticos

O conceito de estilo tecnológico é um instrumento para o entendimento dos conjuntos tecnológicos de diferentes grupos culturais, podendo ser definido como o “modo como as pessoas

realizam os seus trabalhos, incluindo as escolhas feitas por eles no que se refere aos materiais e às técnicas de produção” (REEDY e REEDY, 1994, p. 304). Esta noção permite compreender o estilo como algo que é inerente e subjacente aos processos de produção a partir dos quais a forma dos artefatos é uma resultante, referindo-se a um determinado modo de fazer algo ou alguma coisa que implica em escolhas entre possibilidades alternativas, próprias a um determinado tempo e lugar (DIAS e SILVA, 2001). De acordo com Sackett:

“O estilo pode ser encontrado na escolha da matéria prima, nas técnicas de lascamento para redução de núcleos e na produção de artefatos, nos tipos alternativos de retoques marginais, nos vários ângulos de uso de borda, na forma de uso e rejuvenescimento do artefato. (...) [Estes fatores] podem oferecer um ar de familiaridade aos conjuntos de artefatos que sugerem um estilo etnicamente significativo” (SACKETT, 1982, p. 106).

Sackett (1986, p. 630) considera que a noção de estilo não é um domínio diferente da forma, mas uma qualidade latente e inerente a qualquer variação artefactual, na medida em que a forma é constituída de escolhas feitas pelo artesão, conscientemente ou não, de um amplo espectro a sua disposição. Estas escolhas tecnológicas determinam a variação isocréstica² e são ditadas pela tradição na qual o artesão foi enculturado como membro de um grupo social. Por ser limitada socialmente, a variação isocréstica traduz-se em noções de *design* peculiares a certos lugares e tempos, sendo diagnóstica de etnicidade. Estilo e função são noções

² Sackett elabora este conceito a partir de um neologismo do grego *Isos* - igual e *chrestikós* - bom para o uso, útil, usual, que sabe se servir de, habilitado para se servir de (BAILLY, 1990).

complementares e as variações isocrésticas podem ser vistas em sentido amplo, abrangendo desde a cadeia operatória que dá origem ao artefato até suas formas de uso e descarte. O aspecto funcional de um artefato reside na maneira como a sua forma serve a um determinado fim e o aspecto estilístico reside na variante étnica ou escolha isocréstica em que esta forma surge, ou seja, nas escolhas tecnológicas (SACKETT, 1977, p. 375).

Sackett (1986, 1993) aponta que a possibilidade de diferenciação de conjuntos líticos produzidos por distintos grupos culturais seria ditada também pelo contexto de deposição dos artefatos. Portanto, os padrões de variabilidade tecnológica derivados de variações étnicas, também se refletiriam em diferenças quanto às formas de exploração dos recursos, às características estruturais dos sistemas de assentamento e a maneira como os artefatos são descartados nos sítios.

Partindo da reflexão teórica sobre o conceito de estilo tecnológico, Dias e Silva (2001, p. 101) sugerem que a variabilidade entre conjuntos líticos associados a distintos contextos de uma dada área resulta de escolhas tecnológicas que são culturalmente determinadas. Os estilos tecnológicos estão representados nestas escolhas, que se refletem na seleção das materiais primas, nas técnicas e seqüências de produção escolhidas e nos resultados materiais destas escolhas, representadas pelas categorias de artefatos produzidas. Portanto, o estilo tecnológico é produto de uma tradição cultural e seu estudo, relacionado a outros aspectos de ordem contextual, pode servir como indicador de identidades sociais ou culturais presentes no registro arqueológico.

Contudo, esta percepção demanda um suporte contextual de análise, na medida em que um estilo tecnológico só adquire sentido quando compreendido como parte de um sistema tecnológico e este, por sua vez, de um sistema cultural mais amplo. Assim, as cadeias operatórias de uma determinada indústria lítica devem ser compreendidas em conjunto e associadas ao contexto

situacional da região estudada, através de estudos comparativos, para possibilitar a interpretação da variabilidade artefactual. No caso do estudo das indústrias líticas do sul do Brasil, estas discussões sobre a natureza dos sistemas tecnológicos e a dimensão estilística das tecnologias são fundamentais, pois obrigam a complexificar os parâmetros vigentes em sua análise.

Com base nas referências teóricas acima expostas, buscamos avaliar a variabilidade das indústrias líticas associadas à ocupação pré-colonial do alto vale do rio dos Sinos, situado na vertente nordeste do planalto sul-brasileiro (Rio Grande do Sul). Através dos trabalhos de campo desenvolvidos e da análise das coleções líticas buscamos definir o perfil tecnológico das distintas ocupações relacionadas aos sítios arqueológicos localizados nesta área. As prospecções realizadas em uma área de 216 Km² resultaram na localização de 61 sítios arqueológicos, concentrados principalmente junto à várzea do rio dos Sinos, dos quais 18 são em abrigo sob rocha e 43 a céu aberto. Dos sítios em abrigos sob rocha, 14 apresentam conjuntos líticos associados à ocupação de caçadores coletores da Tradição Umbu, sendo o restante representado por um sítio com sepultamentos relacionados à Tradição Taquara, apresentando os demais ocupações históricas ou afiliação cultural indeterminada pela insuficiência de material nas sondagens. Dos sítios pré-coloniais a céu aberto, apenas um está relacionado ao sistema de assentamento da Tradição Umbu, estando o restante associado aos horticultores das Tradições Guarani e Taquara. A ocupação Guarani está caracterizada na área por 30 sítios arqueológicos, dos quais 13 são lito-cerâmicos, 12 apresentam apenas fragmentos de cerâmica e 5 possuem unicamente artefatos líticos. A Tradição Taquara, por sua vez, está representada na área por 5 sítios arqueológicos, dos quais o mais denso apresenta evidências lito-cerâmicas. Quanto aos demais sítios, um apresenta apenas evidências cerâmicas, sendo os três restantes caracterizados apenas por conjuntos líticos.

Nosso problema de pesquisa justifica-se na medida em que os conjuntos líticos associados a estes sítios das Tradições Guarani e Taquara correspondem aos *fósseis guia* clássicos da Tradição Humaitá (*choppers, chopping tools*, talhadores e bifaces de grande porte), apresentando na área estudada uma forte correlação contextual com os sistemas de assentamento de grupos horticultores (DIAS, 2002; 2003).

Sistema de Assentamento e Estilo Tecnológico da Tradição Umbu

Utilizando como referência os modelos etnoarqueológicos de assentamento e mobilidade para caçadores coletores de floresta tropical (BINFORD, 1980; 1990. POLITIS, 1996a; 1996b; 1996c; 2001), sugerimos que o alto vale do rio dos Sinos representaria um território de forrageio de um bando local, correspondendo a uma porção mínima de um território regional mais amplo, associado a um grupo de afiliação. Este abrangeria a borda nordeste do planalto sul-brasileiro, compreendendo os vales dos rios Taquari, Caí, Sinos e Maquiné, bem como a planície litorânea adjacente. Este território regional comportaria vários territórios de forragem de bandos locais, cujos membros poderiam mover-se sem restrição em função de objetivos de ordem social e econômica. A fluidez da organização social e do uso do espaço, por sua vez, implicaria em uma organização tecnológica homogênea para a área deste território regional, em função do fluxo constante de informações e pessoas, características estas que podem ser percebidas através dos estudos de coleções líticas da Tradição Umbu na área, bem como em estudos já realizados para os vales dos rios Caí e Maquine (DIAS, 1994; 1995; 1996; 1999b; 2003; ver também WIESSNER, 1983; 1989).

Com base nos dados paleoclimáticos e paleoambientais disponíveis, podemos sugerir que a borda nordeste do planalto sul-brasileiro apresentou características ambientais marcadas pela

presença de floresta sub-tropical desde o início de sua ocupação por caçadores coletores, por volta de 9.000 anos atrás, sendo este fator o principal responsável por esta fixação populacional antiga. As flutuações climáticas do Holoceno Tardio fixaram inicialmente esta cobertura florestal nos vales de rios, sendo sua expansão posterior relacionada ao Holoceno Médio, entre 7.000 e 4.000 anos AP. As 15 datações disponíveis para a área estudada indicam uma ocupação estável e de longa duração entre 8790 e 440 anos AP, adaptada à exploração regular de recursos faunísticos da floresta sub-tropical, caracterizando-se por estratégias generalistas (DIAS, 2003; 2004. JACOBUS, 2004).

Partindo do modelo de mobilidade assumido, os abrigos do alto vale do rio dos Sinos teriam sido ocupados como bases residenciais por breves períodos de tempo pelos bandos locais que percorriam a área ao longo do seu ciclo anual de mobilidade. A curta permanência nos sítios redundaria na baixa densidade de material arqueológico observada nas sondagens realizadas nestes sítios, porém as ocupações teriam se dado de forma recorrente ao longo do tempo. Devido à grande disponibilidade de abrigos na área, os sítios teriam sido ocupados em diferentes ocasiões pelos grupos co-residentes. Igualmente, observa-se que houve uma preferência na escolha de determinados sítios para o estabelecimento das bases residenciais, pois do total de abrigos identificados na área, apenas 7 apresentaram uma densidade de materiais arqueológicos mais significativa o que indicaria uma utilização mais freqüente (RS-S-237: Sangão, RS-S-265: Campestre, RS-S-337: Monjolo, RS-S-358: Toca Grande, RS-S-359: Aterrado, RS-S-360: Marimbondo, RS-S-361: Mato da Toca). Esta escolha parece ser determinada, primeiramente, em função do local de implantação do abrigo na paisagem e das suas condições de habitabilidade, desempenhando um papel secundário aspectos relacionados ao seu tamanho e a orientação.

A fim de testar a hipótese de que os sítios de caçadores coletores correspondem a unidades habitacionais foram realizadas

escavações em três abrigos sob rocha (RS-S-360: Marimbondó, RS-S-327: Sangão e RS-S-337: Monjolo). Embora as características estruturais e pós-deposicionais de cada abrigo tenham gerado variações no padrão de distribuição dos conjuntos arqueológicos numa perspectiva inter-sítios, há redundâncias intra-sítio nas formas de ocupação, com padrões repetitivos de sobreposição de áreas de atividade representadas pelas fogueiras. Em todos os abrigos escavados observa-se um padrão recorrente de associação entre estruturas de fogueiras que apresentam em sua periferia conjuntos de fragmentos arqueofaunísticos e resíduos de lascamento, indicando um padrão de descarte primário, interpretados como evidências de ocupações rápidas (DIAS, 2003).

Os resultados do estudo comparativo das coleções líticas de sete dos sítios em abrigos sob rocha associados à área confirmam o modelo etnoarqueológico adotado (tabela 1; para metodologia e resultados de análise ver: DIAS e HOELTZ, 1997; DIAS 2003. Os conjuntos líticos descartados junto às unidades domésticas correspondem majoritariamente a resíduos de lascamento associados à produção e manutenção de artefatos formais (tecnologia de curadoria). Estes, por sua vez, foram descartados em baixa frequência, em geral, quando fraturados em função do uso ou quando se mostraram inadequados durante do processo de produção ou manutenção da peça. Os artefatos informais (tecnologia expediente) apresentam, por sua vez, uma maior frequência de descarte junto às unidades domésticas, sendo produzidos sobre lascas unipolares ou bipolares e utilizados em atividades cotidianas variadas, tanto na preparação e consumo dos alimentos, quanto na produção de outros artefatos sobre materiais perecíveis. Observa-se também uma tendência a deposição junto às unidades domésticas de conjuntos de artefatos como núcleos, percutores, morteiros e bifaces e acúmulos intencionais de matérias primas ali deixados em antecipação a usos futuros quando da re-ocupação do sítio (*site furniture*).

Observa-se na organização tecnológica dos conjuntos líticos da Tradição Umbu um estilo tecnológico comum, sendo a variabilidade observada produto de uma intensidade de exploração diferencial das matérias primas disponíveis em termos locais. Os distintos tipos de matérias primas selecionadas, por sua vez, foram tratados de forma diferenciada, sendo a calcedônia e o quartzo trabalhados por tecnologia bipolar e o basalto e o arenito silicificado tratados a partir de tecnologia unipolar.

A baixa frequência de núcleos unipolares e lascas unipolares corticais e de redução de núcleos nas coleções dos sítios indica que o arenito silicificado e o basalto sofreram processamento inicial nos próprios locais de coleta, a fim de produzir bifaces elaborados sobre lascas unipolares de fácil transporte para as unidades habitacionais. Lascas utilizadas para a produção de artefatos bifaciais ou para uso expeditivo também poderiam ser obtidas para utilização nas unidades domésticas através do uso de pequenas placas de basalto colunar coletadas nos cursos de água situados nas proximidades dos sítios. Os bifaces elaborados sobre lascas unipolares poderiam ser utilizados para atividades variadas, servirem como base para a obtenção de lascas expeditivas ou sofrerem redução primária com o objetivo de produzir pré-formas de pontas de projétil pedunculadas.

A calcedônia e o quartzo foram destinados à redução bipolar em função das pequenas dimensões originais destas matérias primas disponíveis localmente na forma de seixos ou prismas. A baixa frequência de peças com córtex indica que os núcleos bipolares de calcedônia foram pré-formatados nos locais de coleta e transportados para as unidades domésticas, sendo utilizados para a produção de lascas de uso expeditivo que também poderiam ser usadas como suporte para produção de pontas de projétil lanceoladas.

A variabilidade observada entre os sítios quanto à participação relativa de artefatos bifaciais em suas coleções, está relacionada também as estratégias tecnológicas predominantes em cada conjunto (figura 1). A maior incidência de descarte de pontas

lanceoladas em dois dos sítios (RS-S-358: Toca Grande e RS-S-359: Aterrado) pode ser explicada em função dos passos técnicos reduzidos que envolve a sua produção, o que condicionaria uma maior propensão ao descarte. As pontas pedunculadas tenderiam a ter uma média de vida útil mais longa em função do maior investimento tecnológico envolvido na sua produção, sendo descartadas em menor frequência e sofrendo um maior índice de reativação, o que daria origem à variabilidade de formas observada.

Sistema de Assentamento e Estilo Tecnológico da Tradição Taquara

Os cinco sítios arqueológicos associados à Tradição Taquara no alto vale do rio dos Sinos representam parte de um sistema de assentamento mais amplo que se estende para o norte, abrangendo as terras mais altas do planalto, e para o leste, explorando os recursos litorâneos. De acordo com Schmitz e Becker (1991), este modelo de domínio vertical prevê a exploração diferencial destes três pacotes ambientais de forma sazonal a fim de garantir a subsistência do grupo ao longo do ciclo anual. O sistema de cultivo, nas áreas de encosta, seria suplementado por estratégias de estocagem de alimentos, obtidos através da caça e coleta nas áreas florestais manejadas do planalto e da pesca e coleta de moluscos no litoral. A estabilidade econômica proporcionada por estas estratégias, por sua vez, tem como consequência uma alta mobilidade habitacional que gera uma variabilidade de tipos de sítios relacionados às características ambientais das distintas áreas.

Tendo por base este modelo, podemos sugerir que as estratégias de mobilidade desenvolvidas pelas populações Jê pré-coloniais relacionadas à Tradição Taquara no sul do Brasil eram representadas por migrações estacionais pluri-familiares, abrangendo os diferentes ambientes que compõe o sistema de

assentamento do grupo, havendo uma tendência a re-ocupação dos mesmos assentamentos a cada estação.

De acordo com este modelo, podemos sugerir que os sítios arqueológicos associados à Tradição Taquara identificados representariam uma única aldeia, sucessivamente reocupada na época dos cultivos (primavera, verão e início do outono). As concentrações de artefatos líticos identificadas representariam áreas de atividades específicas, próxima a sede da aldeia, associada a afloramentos de boa qualidade e relacionada à extração de matérias primas e confecção de artefatos líticos. Os artefatos produzidos poderiam ser utilizados nas atividades domésticas, bem como nas atividades desenvolvidas próximas ao assentamento principal, relacionadas aos cultivos (tabela 2; para metodologia de análise ver: DIAS e HOELTZ, 1997; DIAS, 2003).

Para as indústrias líticas da Tradição Taquara o basalto foi a matéria prima preferencial, sendo selecionados principalmente os blocos de afloramento aos quais os sítios estão associados, e, em menor escala, seixos e placas de basalto coletados junto aos cursos de água situados nas proximidades dos sítios. A composição geral da indústria está relacionada à presença de lascas e núcleos unipolares, sendo raros os artefatos bifaciais e polidos. Os núcleos unipolares apresentam evidências de intenso investimento na preparação de plataformas, gerando uma grande variabilidade de tipos e uma alta concentração de lascas unipolares associadas a sua redução. As características gerais do conjunto lítico apontam que esta indústria estava caracterizada, predominantemente, pela redução de núcleos voltados a obtenção de lascas para uso expeditivo junto às unidades domésticas da aldeia, podendo estas ser utilizadas sem nenhuma modificação ou sofrerem redução secundária. A maior representatividade na amostra estudada de núcleos unipolares com uma plataforma ventral pode indicar que sua redução esteja associada à utilização enquanto artefatos junto às unidades domésticas do assentamento, gerando formas plano convexas que

apresentam gume utilitário em todo o contorno da plataforma de percussão.

A produção de artefatos bifaciais de grande porte teria um papel secundário nas indústrias da Tradição Taquara no alto vale do rio dos Sinos, sendo sua produção influenciada pelo tipo de suporte de lascamento selecionado. Os blocos de afloramento poderiam ser reduzidos, inicialmente, em uma extremidade, formando um gume bifacial até a $\frac{1}{2}$ da peça, estendendo-se a redução primária, posteriormente, a outra extremidade. Em função das irregularidades dos blocos originais, estes bifaces, em geral, apresentam uma faixa central coberta por córtex. Os mesmos passos técnicos são observados na redução de placas de basalto colunar, utilizando-se, neste caso, os planos naturais como plataforma de percussão para redução primária. Por fim, podem também ser utilizados, em menor frequência, seixos alongados para a produção de bifaces, com lascamentos em apenas uma das extremidades (figura 2).

A estabilidade da ocupação representada pelo sistema de assentamento da Tradição Taquara na área estudada seria atestada pelos 30 sepultamentos presentes no abrigo RS-S-328: Caipora (SPINDLER, 2004). Sua datação de 1665 AP indicaria que os horticultores relacionados à Tradição Taquara teriam ocupado a área contemporaneamente aos caçadores coletores, porém a estrutura de seu sistema de assentamento tradicional entraria em colapso com a presença Guarani na região nordeste do Estado. Embora haja evidências arqueológicas de contato entre estas sociedades no sul do Brasil, as formas bélicas de conquista e manutenção dos territórios de domínio desenvolvidas pelos Guaranis, sugerem que conflitos e disputas com os caçadores coletores e os horticultores da Tradição Taquara pelas áreas de encosta e do litoral marcariam a tônica do tipo de relação predominante na região nordeste do Estado entre as populações pré-coloniais, a partir de 500 anos atrás.

Sistema de Assentamento e Estilo Tecnológico da Tradição Guarani

A interpretação do padrão de implantação dos sítios Guarani na área partiu do modelo etnoarqueológico de Noelli (1993). Segundo Noelli (1993, p. 247-250), as categorias que classificam os domínios territoriais entre os Guarani pré-coloniais refletiriam os laços de parentesco e reciprocidade em três níveis espaciais inclusivos: *guará*, *tekohá* e *teii*. Os *guará* são compostos por unidades sócio-econômicas aliadas, denominadas *tekohá*, onde vão coexistir as multi-linhagens, ordenadas por laços de parentesco e reciprocidade, sendo formados por *teii* isolados ou agrupados, em função das condições locais e políticas. O *teii* corresponde à parcialidade ou família extensa, sendo designada de *teii oga* a casa onde vivia a linhagem e de *amundá* o local da aldeia ou sede do *tekohá*. Uma *teii oga* poderia abrigar até 60 famílias nucleares, podendo as aldeias grandes possuir até 6 *teii oga*, sendo habitadas por, aproximadamente, 2000 pessoas. Estima-se que, em função de alianças, um *Guará* de grande porte poderia conjugar em torno de 40 *tekohás*, sendo sua população total superior a 80.000 habitantes.

O *tekohá* comporta um jogo entre três espaços distintos: a aldeia (*amundá*), as roças (*cog*) e a vegetação circundante (*caa*). As roças (*cog*) iniciam-se fora do perímetro da aldeia, localizando-se a diferentes distâncias, de acordo com a sua antiguidade. Além das roças, inicia-se o espaço das matas (*caa*), no qual se situam as áreas de pesca, coleta e caça e as jazidas litológicas e de argila. Nestas também estão outras áreas de manejo que podem refletir antigas ocupações ou a preparação para futuros assentamentos, levando a crer que o raio de ação do ambiente humanizado estendia-se por muitos quilômetros a partir da sede do *tekohá* (NOELLI, 1993, p. 266). O tamanho da área de captação de recursos de um *tekohá* pode variar em função do grau de reciprocidade do conjunto multi-comunitário pertencente a um mesmo *Guará*, não sendo incomum a sobreposição de áreas de ação entre distintos *tekohás*. A partir

dos dados etno-históricos e arqueológicos, estima-se em torno de 50 Km a área de captação de recursos de um *tekohá* ao longo do ciclo anual, a partir da sede da aldeia (NOELLI, 1993, p. 252).

Consideramos a distribuição dos sítios arqueológicos observados no alto vale do rio dos Sinos como representando o deslocamento das sedes de aldeias de um *tekohá*, acompanhando os cursos de maior porte representados pelo rio dos Sinos e os arroios Caraá, Grande, Pinheiros, Bom Retiro e Rolantinho. Foram obtidas 2 datações em TL para o sítio Guarani RS-S-399 (165 e 205 AP) contemporâneas ao início da presença colonial portuguesa na região, efetivada pela instalação do Registro de Viamão. Porém, a densidade de sítios na área sugere uma profundidade temporal maior.

Em associação às unidades habitacionais, em alguns destes sítios pode-se observar a presença de áreas de atividade específicas, com concentração de conjuntos líticos, associadas à extração de matérias primas e à produção de artefatos bifaciais de grande porte, possivelmente utilizados na construção das casas, na confecção de canoas e nas atividades agrícolas e de manejo agroflorestal. A maior parte do conjunto lítico da Tradição Guarani está associada a dois sítios (RS-S-287 e RS-S-289), sugerindo que estes correspondem aos principais locais de extração e preparação inicial de artefatos líticos do *tekohá* do Alto Vale do Rio dos Sinos. A produção inicial dos artefatos ocorreria nestes dois sítios de atividade específica, sendo as peças acabadas transportadas para as sedes de aldeias ou para os locais de roças, justificando os sítios lito-cerâmicos e líticos com baixa densidade de material localizados nas prospecções (tabela 3; para metodologia de análise ver: DIAS e HOELTZ, 1997; DIAS 2003).

Em geral, observou-se uma preferência pela utilização do basalto, cuja origem relaciona-se a seixos de arraste fluvial ou blocos de afloramento, sendo a escolha diferencial determinada pela abundância da matéria prima no local de implantação do sítio. Os artefatos unifaciais e bifaciais predominam nesta indústria lítica,

estando o restante do conjunto representado, principalmente, por lascas e núcleos unipolares. Os blocos de afloramento são o tipo de suporte de lascamento predominante entre os núcleos unipolares, apresentando, em geral, planos de percussão naturais o que indica um baixo investimento na preparação das plataformas de percussão. Seu papel na organização da tecnologia está relacionado principalmente à produção de lascas para uso expeditivo junto às unidades habitacionais. A maior parte das lascas unipolares para este conjunto é do tipo cortical, associadas à redução de seixos para a produção de artefatos unifaciais e bifaciais.

Os seixos de morfologia alongada e, mais raramente, as placas de basalto colunar, foram selecionados como suporte preferencial para a produção de artefatos unifaciais e bifaciais, sendo mais frequentes nas coleções as categorias relacionadas às primeiras etapas da cadeia operatória que seriam descartados em maior frequência junto aos locais de produção de artefatos. As características deste conjunto artefactual indicam que as faces planas originais do seixo selecionado para a produção do artefato serviriam como plataforma inicial para o lascamento. O lascamento primário inicia-se, em geral, por duas retiradas em uma das faces da peça, para teste da matéria prima, centrando-se em apenas uma das suas extremidades. Esta etapa de produção gera um gume funcional, podendo o artefato ser utilizado, ou abandonado em função da presença de irregularidades na matéria prima ou sofrer de dois a três lascamentos na face oposta, produzindo um gume bifacial, com terminação em ponta. Intensificando-se a redução primária em uma das faces do artefato pode-se ampliar o gume bifacial até a metade da peça ou optar-se por estender a redução primária por todo o contorno da peça, formando um gume periférico (figura 3).

Considerações finais

Embora o conceito de tradição tecnológica corresponda a um expediente de classificação que diagnostica variabilidade entre conjuntos artefatuais, não permite explicar como esta variabilidade se relaciona a comportamentos culturais no passado. Partindo dos resultados das pesquisas aqui analisados, questionamos em que medida os conjuntos definidos como pertencentes à Tradição Humaitá no sul do Brasil podem também corresponder a uma realidade semelhante à apresentada pelo alto vale do rio dos Sinos. Para avaliar esta questão, um primeiro passo necessário é revisar de forma crítica o conhecimento produzido até o presente e a validade dos conceitos utilizados. Por sua vez, estes dados devem necessariamente ser acompanhados de estudos de caráter regional, baseados em cronologias consistentes, para que se possa entender a relação dos sítios de uma região como entidades dinâmicas, fruto de estratégias de mobilidade e uso do espaço por distintas sociedades pretéritas. É somente através deste tipo de estratégia que se poderá construir um referencial empírico que permita interpretações sobre a variabilidade de conjuntos líticos de uma mesma área ou de regiões distintas (DIAS, 2002, p. 81).

Para o caso específico da Tradição Humaitá, sugerimos que a avaliação de sua procedência só pode se dar a partir de estudos específicos, de caráter regional, que respeitem a contextualização espacial dos sítios em suas características internas e externas, associados a estudos de coleções que compreendam os artefatos enquanto resultados de escolhas tecnológicas e, portanto, produto de uma tradição cultural. Se nosso objetivo enquanto arqueólogos é identificar identidades sociais no registro arqueológico, um dos caminhos para alcançar esta meta se dá ao reconhecer as diferenças nas cadeias operatórias e como esta variabilidade se relaciona a distintas formas de apropriação do espaço regional.

Tabelas

Tabela 01 – Conjuntos líticos da Tradição Umbu

Categorias Tecno-tipológicas	RS-S-359	RS-S-358	RS-S-265	RS-S-361	RS-S-360	RS-S-327	RS-S-337	Total
Microlascas	33	398	19	2	302	1257	290	2301
Lascas unipolares	707	1025	163	79	1055	1353	372	4512
Lascas unipolares retocadas	15	62	1	0	3	4	0	85
Lascas bipolares	1089	1620	10	10	136	211	9	3085
Lascas bipolares retocadas	67	46	0	0	3	4	0	120
Núcleos unipolares	6	8	1	1	15	8	1	40
Núcleos bipolares	26	18	0	0	4	5	1	56
Fragmentos de lascamento	1739	805	297	166	1152	1798	605	6804
Fragmentos nucleiformes	11	95	3	1	34	16	4	164
Fragmentos naturais sem ou com fratura térmica	168	432	270	85	439	815	665	2874
Fragmentos de hematita raspados para extração de pigmento	6	14	0	4	4	8	2	38
Percutores	1	3	0	0	1	0	2	7
Polidores	0	3	0	0	3	6	0	12
Quebra-cocos	0	2	0	0	0	0	0	2
Boleadeiras	0	1	0	0	0	1	0	2
Almofarizes	0	1	0	0	0	0	0	1
Lascas com face externa polida	6	36	2	9	8	19	7	87
Bifaces	20	37	1	0	5	3	0	66
Unifaces	4	3	1	1	1	0	0	10
Préformas	146	171	0	0	4	7	1	329
Micro-raspadores	14	16	2	0	1	1	0	34
Pontas de projétil	331	259	9	2	4	11	1	617
Fragmentos de pontas de projétil	9	54	0	1	1	7	0	72
Fragmentos de bordas de artefatos bifaciais	53	90	3	2	13	9	0	170
Fragmentos naturais polidos	0	0	0	0	0	3	0	3
Totais	4451	5199	782	363	3188	5548	1960	21491

Tabela 02 - Conjuntos Líticos dos Sítios da Tradição Taquara

Categories Tecnotipológicas	RS-S-429	RS-S-431	RS-S-432	RS-S-433	Total
Núcleos unipolares	11	10	0	2	23
Lascas unipolares	26	16	2	3	47
Lascas unipolares modificadas	5	1	0	0	6
Lascas bipolares	3	0	0	0	3
Fragmentos de lascamento	10	2	0	0	12
Fragmentos naturais com ou sem fratura térmica	5	1	0	1	7
Percutores	0	2	0	0	2
Mãos de pilão	0	3	0	0	3
Artefatos Bifaciais	2	6	0	1	9
TOTAIS	62	41	2	7	112

Tabela 03 - Conjuntos Líticos dos Sítios da Tradição Guarani

Categories Tecnológicas	S289	S287	S285	S288	S290	S399	S400	S401	S403	S404	S405	S406	S408	S409	S410	S413	S414	S416	S423	Total
Núcleos unipolares	5	5	2	0	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	16
Núcleo bipolar	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Lascas unipolares	11	13	3	3	3	2	1	0	3	0	6	2	0	0	2	0	1	2	0	52
Lascas unipolares modificadas	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4
Fragmentos de lascamento	2	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	6
Fragmentos naturais com ou sem fratura térmica	6	17	5	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	32
Fragmentos naturais modificados	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3
Artefatos Bifaciais	23	20	5	1	0	3	3	1	2	0	1	2	1	1	2	1	0	0	0	66
Artefatos Unifaciais	9	5	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	16
Fragmentos de borda de artefato bifacial	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	4
TOTAIS	61	68	15	8	3	6	4	1	7	1	7	4	1	3	6	1	1	2	1	200

Figuras

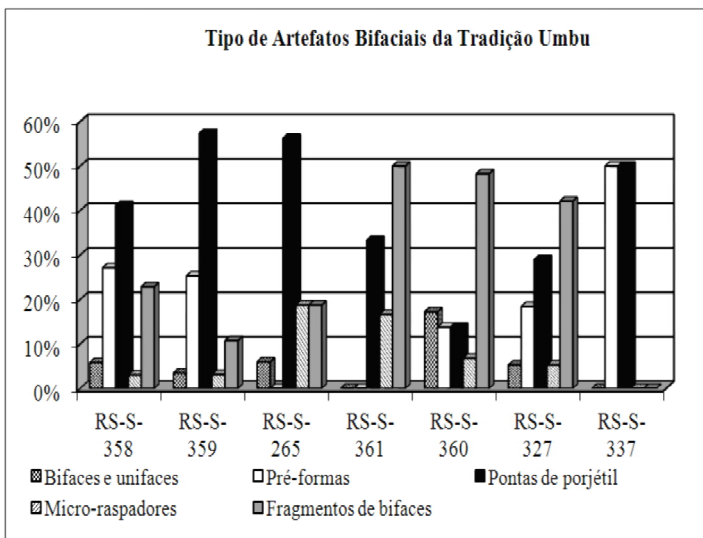


Figura 01 – Tipos de Artefatos Bifaciais Relacionados aos Sítios da Tradição Umbu

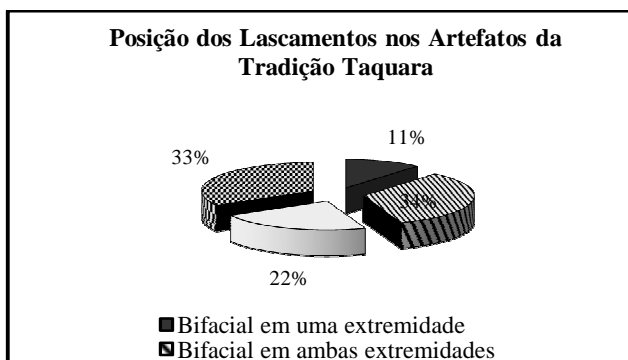


Figura 02 - Tipos de Artefatos Bifaciais Relacionados aos Sítios da Tradição Taquara

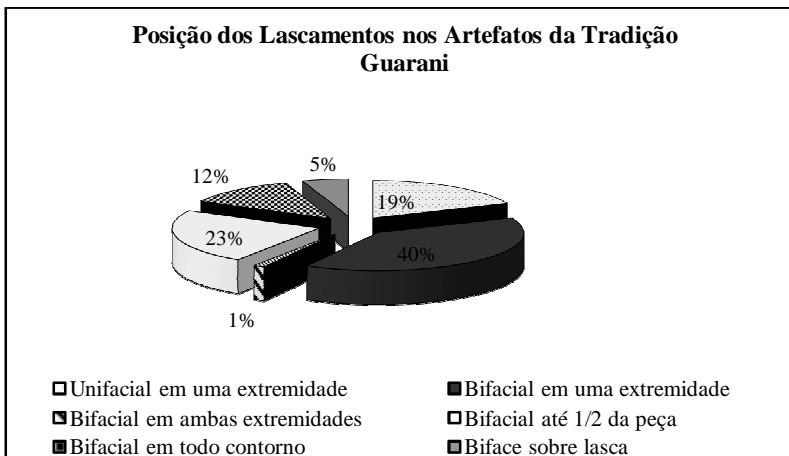


Figura 3 - Tipos de Artefatos Bifaciais Relacionados aos Sítios da Tradição Guarani

Bibliografia

- BAILLY, A. *Dictionnaire Grec Français*. Paris: Hachette, 1990. pp. 2154.
- BINFORD, L. Willow smoke and dogs' tails: hunter-gatherer settlement systems and archaeological site formation. *American Antiquity*. 45 (1), 1980. pp. 4-20.
- BINFORD, L. Mobility, housing and environment. *Journal of Anthropological Research*. 46 (1), 1990. pp. 119-152.
- DIAS, A. S. *Repensando a Tradição Umbu através de um estudo de caso*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. (Dissertação de Mestrado), 1994.
- DIAS, A. S. Análise tecno-tipológica da indústria lítica do abrigo sob rocha RS-C-43: Capivara (Ivoti, RS). In: CONSENS, M.; LOPEZ-MAZZ, J. & CURBELO, M. C. (Eds.) *Arqueología en Uruguay* -

- Anais do VIII Congresso Nacional de Arqueologia Uruguaya.* Montevideo: Editorial Surcos, 1995. pp. 423-427.
- DIAS, A. S. Estudo da representatividade de pontas de projétil líticas enquanto marcadores temporais para a Tradição Umbu. In: KERN, A A (Org.) *Anais da VIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira.* Porto Alegre: Edipucrs, 1996. pp. 309-332.
- DIAS, A. S. Painel dos últimos trinta anos de pesquisas arqueológicas dos caçadores coletores do sul do Brasil. *Revista do CEPA.* 23 (29), 1999a. pp. 52-59.
- DIAS, A. S. Discutindo a variabilidade de indústrias líticas a partir da análise comparativa de coleções da Tradição Umbu. Comunicação apresentada no *X Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira.* Recife, 1999b.
- DIAS, A. S. Modelos de mobilidade e sistema de assentamento e suas implicações para o estudo das sociedades caçadoras coletoras do sul do Brasil. *Revista do CEPA.* 26 (35/36), 2002. pp. 65-85.
- DIAS, A. S. *Sistemas de assentamento e estilo tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do alto vale do rio dos Sinos, Rio Grande do Sul.* São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. (Tese de doutoramento), 2003.
- DIAS, A. S. Sistema de Assentamento de Caçadores Coletores no Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul. *Revista do CEPA.* 28 (39), prelo, 2004.
- DIAS, A. S. e HOELTZ, S. Proposta metodológica para o estudo das indústrias líticas do sul do Brasil. *Revista do CEPA.* 21 (25), 1997. pp. 21-62.
- DIAS, A. S. e SILVA, F. Sistema tecnológico e estilo: as implicações desta inter-relação no estudo das indústrias líticas do sul do

- Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. 11, 2001. pp. 95-108.
- JACOBUS, A L. Uma proposta para a práxis em zooarqueologia do Neotrópico: o estudo de arqueofaunas do abrigo Dalpiaz (um sítio de caçadores-coletores na Mata Atlântica). *Revista do CEPA*. 28 (39), Prelo, 2004.
- NOELLI, F. *Sem Tekhoa não há Tekó (em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do rio Jacuí, Rio Grande do Sul)*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. (Dissertação de mestrado), 1993.
- POLITIS, G. *Nukak*. Bogotá: Insitute Amazonico de Investigaciones Cientificas, 1996a.
- POLITIS, G. Moving to produce: Nukak mobility and settlement patterns in Amazonia. *World Archaeology*. 27 (3), 1996b. pp. 492-511.
- POLITIS, G. Un caso de estudio etnoarqueológico: la formación de sitios de cazadores-recolectores en las tierras bajas sudamericanas. In: COIROLO, A. & BRACCO-BOKSAR, R. (Eds.) *Arqueología de las Tierras Bajas*. Montivideo: Ministerio de Educación y Cultura/Comisión Nacional de Arqueología, 1996c. pp. 427-449.
- POLITIS, G. Foragers of the Amazon: the last survivors or the first to succeed? In: McEWAN, C.; BARRETO, C. & NEVES, E. (Eds.) *Unknown Amazon*. London: The British Museum Press, 2001. pp. 26-49.
- REEDY, C. e REEDY, T. Relating visual and technological styles in Tibetan sculpture analysis. *World Archaeology*. 25 (3), 1994. pp. 304-320.
- SACKETT, J. The meaning of style in archaeology: a general model. *American Antiquity*. 42(3), 1977. pp. 369-380.
- SACKETT, J. Approaches to style in lithic archaeology. *Journal of Anthropological Archaeology*. 1, 1982. pp. 59-112.

- SACKETT, J. Style, function and assemblage variability: a reply to Binford. *American Antiquity*. 51 (3), 1986. pp. 628-634.
- SACKETT, J. Style and ethnicity in archaeology: the case for isochrestism. Conkey, M. e Hastorf, C. (Eds.). *The uses of style in Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. pp. 32-43.
- SCHMITZ, P. I. e BECKER, I. Os primitivos engenheiros do planalto e suas estruturas subterrâneas: a Tradição Taquara. In: KERN, A. (Org.) *Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991. pp. 251-283.
- SPINDLER, C. Sepultamentos Humanos no sítio Caipora (RS-S-328). Comunicação apresentada no *IV Encontro do Núcleo Regional Sul da SAB*. Criciúma, 2004.
- WIESSNER, P. Style and social information in Kalahari San projectile points. *American Antiquity*. 48 (2), 1983. pp. 253-276.
- WIESSNER, P. Style and changing relations between the individual and society. In: HODDER, I. (Ed.) *The meanings of things: material culture and symbolic expression*. London: Harper Collins, 1989. pp. 56-63.

Recebido em: 29/02/2008

Aprovado em: 25/08/2008

Publicado em: 03/10/2008